

Resenha Crítica: a vontade dos especialistas

Alan Paulo Maurano Savedra¹

Recebido em setembro de 2023

Aceito em novembro de 2024

COLLINS, Harry *et al.* **Experts and the Will of the People.** Society, Populism and Science. London: Pallgrave, 2020.

RESUMO

Resenha crítica do livro *Experts and the Will of the People. Society, Populism and Science* (Collins, Harry *et al.*, 2020). A resenha está dividida em duas partes: a resenha estrutural do trabalho, ou seja, a exposição do mote da pesquisa realizada pelos autores e o seu desenvolvimento teórico, além da construção de uma crítica, interna e externa, às proposições trazidas pelos autores, em especial quanto ao esvaziamento do sistema de freios e contrapesos, a partir da ideia de alçar os intelectuais à posição de peças-chaves na contenção democrática.

Palavras-chaves: sociologia política; democracia pluralista; populismo; sistema de freios e contrapesos.

ABSTRACT

Critical review of the book *Experts and the Will of the People. Society, Populism and Science* (Collins, Harry *et al.*, 2020). The review is divided into two parts: the structural review of the work, that is, the exposition of the theme of the research carried out by the authors and its theoretical development, in addition to the construction of an internal and external critique of the propositions brought by the authors, in special Regarding the emptying of the system of checks and balances, based on the idea of elevating intellectuals to the position of key players in democratic containment.

Keywords: political sociology; pluralistic democracy; populism; system of checks and balances.

¹ Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGS-IESP-UERJ), mestre em Pensamento Jurídico e Relações Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGD-UERJ), na linha de pesquisa em Teoria e Filosofia do Direito, pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Direito e Ciências Sociais (DECISO), do IESP-UERJ, assessor de editoria científica da revista *Cadernos de Estudos Sociais e Políticos* (IESP-UERJ), pós-graduado em Gestão Jurídica e Processo Civil pelo Instituto Brasileiro de Mercados e Capitais (IBMEC) e graduado em Direito pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Advogado, professor na Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ), professor convidado na Universidade Castelo Branco (UCB), na Universidade de Vassouras (UNIVASSOURAS) e do Curso de Direito de Trânsito na Prática no Instituto Abreu Bindé (IAB), articulista e palestrante. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. E-mail: alansavedra@iesp.uerj.br

O livro *Experts and the Will of the People. Society, Populism and Science*² se encontra situado em um momento histórico em que, segundo Charles Thorpe, “as democracias se voltam para o populismo e o autoritarismo.”³. Nesta toada, o trabalho de Harry Collins, Robert Evans, Darrin Durant e Martin Weinel possui uma grande carga propositiva. Isto é: esse trabalho é a proposta de um antídoto (os especialistas e os conhecimento especializados) aos males impostos pelos populismos às democracias ocidentais. Os autores Collins, Evans e Weinel pertencem a *School of Social Sciences, Cardiff University, Cardiff, UK*⁴; Durant, por sua vez, faz parte do corpo de professores da *Historical & Philosophical Studies, University of Melbourne, Melbourne, VIC, Australia*⁵. Em comum, os quatro autores partilham de uma agenda de pesquisa nutrida pela sociologia do conhecimento e pela teoria política. Tópicos como a terceira onda dos estudos científicos, os estudos sociais da ciência e da tecnologia e as democracias são constantemente articulados pelos autores em suas obras⁶.

Collins e seus coautores advogam por um ideal de democracia pluralista, uma escolha por esse subconjunto democrático dentre todas as formas de democracias. Entre muitas trivialidades, o livro, como já dito anteriormente, trata-se de uma proposta, um manifesto por assim dizer. Para uma crítica o mais abrangente possível das mais variadas formas de populismo, os autores traçam um tipo ideal de populismo. A sociedade também é um objeto de estudo apresentado como que “para leigos”. Quanto à democracia, no capítulo a ela dedicado, afirmam os autores “*our purpose in this chapter is to give a brief introduction to democracy for the relatively uninformed*”

² Assim traduzo: Especialista e a Vontade do Povo. Sociedade, Populismo e Ciência.

³ Charles Thorpe é professor de Sociologia e Estudos Científicos na Universidade da Califórnia, San Diego. Seu comentário foi extraído da apresentação do livro de Collins, Evans, Weinel e Durant.

⁴ Assim traduzo: Escola de Ciências Sociais, Universidade de Cardiff, Cardiff, Reino Unido.

⁵ Assim traduzo: Estudos Históricos e Filosófico, Universidade de Melbourne, Melbourne, Austrália.

⁶ Alguns outros trabalhos dos autores: COLLINS, H.M.; EVANS, Robert. The Third Wave of Science Studies. **Social Studies Of Science**, [S.L.], v. 32, n. 2, p. 235-296, abr. 2002. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0306312702032002003>; EVANS, Robert; CROCKER?, Helen. The Imitation Game as a Method for Exploring Knowledge(s) of Chronic Illness. **Methodological Innovations Online**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 34-52, abr. 2013. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.4256/mio.2013.003>; e COLLINS, Harry; WEINEL, Martin; EVANS, Robert. The politics and policy of the Third Wave: new technologies and society. **Critical Policy Studies**, [S.L.], v. 4, n. 2, p. 185-201, 28 jul. 2010. Informa UK Limited. <<http://dx.doi.org/10.1080/19460171.2010.490642>>.

reader.”⁷. E é esse o invólucro de todo o livro: sínteses, generalizações, e condensações científicas, para a obtenção de um manual instrutivo àqueles que não estão imersos no auditório da ciência (leigos, se assim pode-se dizer) (Santos, 2011).

Articulado em seis capítulos (*Introduction: Pluralist Democracy, Populism and Expertise; What Is Society?; What Is Democracy?; What Is Populism? What Is Science?; How Does Science Fit into Society? The Fractal Model*⁸), o livro possui uma dinâmica em espiral. Diz-se com isso: os temas principais de um capítulo retornam como subsidiários nos demais, numa teia de aranha em que ao leitor é sempre possível depreender o todo enquanto lê apenas uma parte.

A crítica que aqui será feita, guarda relação com um risco imanente da abordagem propositiva escolhida pelos autores, qual seja, o de uma visão acrítica do ponto que está sendo defendido, no caso, da elevação dos especialistas à função de freios e contrapesos em uma democracia pluralista.

Pois bem.

Antes de alçar o conhecimento especializado ao patamar de freios e contrapesos de uma democracia pluralista, os autores trazem a lei de conservação da democracia como principal argumento a favor da continuidade sadia de uma democracia. Em outras palavras, a percepção dos desvios que ocorrem em uma democracia ou a responsabilização de seus líderes não democráticos dependem do conhecimento pelos cidadãos do que significa a democracia. Para que tal conhecimento floresça no cidadão, e uma sociedade o incorpore como parte de sua cultura, e assim institua a busca pela sua preservação, o significado de democracia deve estar presente no seio da educação cívica dos cidadãos de uma determinada sociedade.

Contudo, segundo os autores, a educação cívica pura e simples, embora seja uma pedra angular para a conservação da democracia, não seria o suficiente. A presença dos especialistas enquanto parte dos freios e contrapesos seria, justamente, a

⁷ Assim traduzo: nosso propósito neste capítulo é dar uma breve introdução à democracia para o leitor relativamente desinformado.

⁸ Assim traduzo: Introdução: Democracia Pluralista, Populismo e Expertise; O que é a sociedade?; O que é democracia?; O que é populismo? O que é ciência?; Como a ciência se encaixa na sociedade? O Modelo Fractal.

parte faltante da educação cívica plena. Isto é: a compreensão cultural da ciência, ou melhor, da especialização científica, é o que permitiria ao cidadão a busca pela opinião dos especialistas em detrimento da imperícia de outras fontes. Para os autores, trata-se de uma escolha entre os especialistas científicos e os ricos, os fortes e os famosos.

Para Collins e seus coautores, “*societies are distinguished by what their citizens take for granted*”⁹. Nesse ponto, os autores afirmam que as sociedades possuem uma face orgânica, um ponto de convergência entre os cidadãos. Vale dizer: ao longo de nossa socialização, nós somos inseridos em domínios e conhecimentos sem que qualquer reflexão prévia fosse por nós desenvolvida. Melhor exemplo do que o oferecido pelos autores não há: o idioma nativo do cidadão. Em outras palavras, isso seria uma forma de conhecimento tácito. Além do idioma, outros conceitos e percepções se desenvolvem dessa mesma forma em nosso processo de socialização; na maioria das sociedades ocidentais, a necessidade de eleições regulares, por exemplo. Disso, desembocam compreensões “uniformes”, das quais, para que sejam garantidas, os cidadãos deverão tomar a frente de escolhas, meios e formas. Essa outra face da sociedade é a enumerativa, que, por sua vez, consiste nas escolhas conscientes e refletidas sobre como se garantirá o consenso advindo da face orgânica.

Há, contudo, uma pedra no sapato na compreensão pela sociedade entre o que é sua face orgânica e sua face enumerativa: o populismo. Nesse caso, a face enumerativa é tomada como orgânica. Antes, recorda-se que o populismo enfrentado pelos autores é um tipo ideal de populismo abstraído em oposição ao ideal de democracia pluralista.

Como já informado, as formas de governo não são expostas à exaustão pelos autores. Do contrário, os autores apenas desejam dar uma breve ideia ao leitor desavisado sobre as formas democráticas. Em suma, a democracia direta ou participativa seria aquela compreendida no comunismo plenamente desenvolvido, situação na qual haveria uma uniformidade entre os interesses de cada cidadão e o Estado. Os autores descartam essa opção, pois o pluralismo seria inútil diante de tal uniformidade, além disso, acreditam que a prática desse empreendimento, embora baseada em ideias admiráveis, se mostrou indesejável. A seu turno, a democracia

⁹ Assim traduzo: as sociedades se distinguem pelo que seus cidadãos consideram natural.

liberal ou representativa seria aquela baseada na eleição de representantes, isto é, uma transferência da soberania aos legisladores e chefes do poder executivo eleitos. Essa forma de governo democrático também é preterida pelos autores, dado que o seu desenvolvimento se mostrou como mera propaganda eleitoral marcada pelas assimetrias de informações entre especialistas e não especialistas, o que causa um verdadeiro mal-estar ao direito de voto. A democracia deliberativa, por sua vez, seria um estágio intermediário, em que os cidadãos participam do processo deliberativo, das tomadas de decisões e nos resultados das políticas. Essa última forma democrática não é de toda descartada pelos autores; eles acreditam que a democracia pluralista possua uma face deliberativa consistente em fóruns, o que, contudo, não é melhor desenvolvido pelos autores.

Enfim, a democracia pluralista seria aquela que possui a moderação como a sua pedra de toque. Nesse subconjunto das formas democráticas, os freios e contrapesos são essenciais para que haja uma proteção das minorias, e para que líderes populistas não suprimam as instituições para, sob a falsa rubrica de uma encarnação da “vontade do povo”, implodam na sociedade o populismo e o autoritarismo. Compõe o conjunto de freios e contrapesos: o judiciário; a imprensa livre; e as câmaras parlamentares alternativas. Como dito, os autores desejam aumentar esse rol para incluir os especialistas.

Retornando ao tipo ideal de populismo¹⁰, este seria, resumidamente: a subversão entre a face orgânica e enumerativa da sociedade, o que seria encenado na figura de um líder ou de uma elite populista; a estigmatização das minorias, eleitores derrotados no pleito eleitoral, enfim, qualquer pensamento destoante seria tratado como um traidor da vontade do povo; o sistema de freios e contrapesos também surge como inimigo da “vontade do povo”, e, para que a vontade prevaleça, tal balança democrática deve ser superada. Para Collins e seus coautores, esse tipo ideal de populismo seria, justamente, a oposição ao primado da democracia pluralista. Contudo, os autores demonstram que nos resultados eleitorais em votações das mais

¹⁰ Para os autores, o populismo de esquerda se apresenta enquanto antielitista na medida em que enfrentaria as lideranças corruptas. Assim, tal forma de populismo seria bem intencionada, contudo, sujeita às mesmas críticas que os autores fazem ao populismo de forma global. O tipo ideal apresentado pelos autores seria de um populismo de direita.

diversas – o caso do Brexit, por exemplo -, a maioria votante é apenas uma minoria de toda a população.

Portanto, o primeiro passo para que os especialistas sejam tomados como parte do sistema de freios e contrapesos seria a educação cívica. Os cidadãos devem ser educados de forma a compreender o papel da ciência. Segundo os autores, nas sociedades ocidentais, desde a década de 1970, a ciência enfrenta uma queda vertiginosa da percepção de sua autoridade. O estigma das “joias da coroa”, isto é, daquelas descobertas científicas que são marcos absolutos - a exemplo da física newtoniana ou da revolução de Einstein -, incutiram na sociedade a ideia de que a ciência estava completamente certa. O revés: caso não esteja, não é ciência ou não possui valor de ciência. Em adição, a partir da década de 1970, a lógica “da descoberta científica” passou a ser substituída por um modelo de exames detalhados da ciência na prática. Porém, em melhor acordo com os paradigmas atuais da ciência – que assumem os autores sua falibilidade -, ela deve ser vista como uma espécie de sistemas de inquéritos temáticos, ou seja, uma busca por uma melhor solução. Repensando o papel da ciência e dos especialistas nessa busca por uma melhor solução, a sociedade tenderia a não preterir o pesquisador tecnicamente experiente em favor dos leigos em geral.

São os especialistas suficientemente idôneos para exercerem esse papel de freios e contrapesos? Os autores possuem uma resposta bem superficial e romantizada para essa pergunta: os especialistas atuam em busca do conhecimento, seus valores centrais são o desinteresse e a integridade; embora tais virtudes e inclinações possam se perder pelo caminho, isso é o menos provável de acontecer àqueles que empreendem na busca da verdade e não na do lucro. Ora, tenha-se por base que a maioria das profissões não visa o lucro *prima facie*. À época das propriedades comuns nos sistemas pré-capitalistas, já se vê que grande parte das profissões são anteriores a qualquer ideia de lucro (Marx, 2011).

Enquanto parte do sistema de freios e contrapesos, buscando uma melhor solução, os especialistas deveriam ser consultados em problemas técnicos urgentes, para que fosse dado um norte à tomada de decisão. Com todas as ressalvas feitas pelos autores, ainda assim se trataria de um consenso. Ademais, a idoneidade dos

especialistas não é maior do que a de qualquer outra pessoa encarregada do exercício do sistema de freios e contrapesos. Diante da assumida falibilidade da ciência, um consenso falível seria uma solução que também confunde a face enumerativa com a orgânica. A antítese demonstra que a deliberação ocorreria a partir de um consenso, portanto, o consenso assume o papel de face orgânica e a deliberação o papel de face enumerativa. Tanto quanto o populismo, a proposta é, justamente, o contrário de uma democracia pluralista.

Outro ponto que escapa aos autores é que uma imprensa livre expõe diversos pontos de vistas enumerativos e, até mesmo, visões destoantes à face orgânica; os sistemas compostos por duas casas legislativas, além das possibilidades de veto aos atos presidenciais, vivem um constante fluxo revisional; por fim, grande parte dos poderes judiciários - quiçá todos - das democracias ocidentais está sob a égide do duplo grau de jurisdição. Portanto, nota-se que aos especialistas falta, justamente, a possibilidade de revisão e contraposição de seus próprios atos, o que é inerente ao sistema de freios e contrapesos.

O livro pode ser utilizado por especialistas da área de ciências humanas e da ciência política como um texto essencial em estudos e pesquisas, por estudantes e todos que queiram conhecer dos riscos que o populismo pode significar para uma democracia ocidental. Quanto ao seu caráter propositivo, ao leitor restará decidir se os especialistas enquanto parte do sistema de freios e contrapesos é uma questão que emerge da face orgânica ou enumerativa da sociedade.

Referências

COLLINS, Harry *et al.* **Experts and the Will of the People**. Society, Populism and Science. London: Pallgrave, 2020.

MARX, Karl. **O Capital: livro I**. São Paulo: Boitempo, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Crítica da Razão Indolente**: contra o desperdício da experiência. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.